

O cotidiano em sequências: As contribuições das Histórias em Quadrinhos para o fortalecimento da Relações Étnico-raciais e Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana ¹

Fernanda Pereira da SILVA²
Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

As experiências adquiridas no cotidiano escolar vão além da sala de aula, portanto este artigo tem como objetivo refletir sobre os recursos midiáticos que acessam a escola e podem contribuir para o debate sobre diferentes assuntos que permeiam a sociedade, como as discussões sobre raça, racismo e educação antirracista. Nesse sentido, as Histórias em Quadrinhos apresenta-se no artigo como um recurso midiático que pode contribuir para no processo de leitura crítica da mídia e sobre como podemos fortalecer a aplicação da Lei nº 10.639/2003 no cotidiano escolar. A metodologia utilizada no presente artigo recorre a uma revisão bibliográfica que aborda as contribuições das Histórias em Quadrinhos para produção de conhecimento sobre a educação para relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação antirracista; Educação antirracista; Mídia; Histórias em Quadrinhos; Cotidiano.

INTRODUÇÃO

A Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana apresenta-se no cotidiano escolar como um importante tema que permite refletirmos e resinificarmos nossas percepções sobre as consequências do racismo na sociedade, na educação e na comunicação.

Em matéria intitulada “Quinze anos depois, Lei 10.639 ainda esbarra em desconhecimento e resistência”, publicada no portal de notícias da Carta Capital, a jornalista Ana Luiza Basílio apresenta o seguinte relato,

A professora de Geografia da rede municipal de Macaé, município do Rio de Janeiro, Sabrina Luz, foi denunciada pelo pai de um estudante por exibir um filme sobre a cultura negra em sala de aula. No vídeo que a docente veiculou em suas redes sociais, ela explica o porquê da escolha do filme Besouro, que conta a história do capoeirista baiano Manuel Henrique Pereira, conhecido como ‘Besouro Mangangá’, na década de 20. “O filme mostra a resistência negra [embora a abolição da escravatura tivesse ocorrido décadas antes, os negros continuavam a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Curso de Mídia e Cotidiano do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano – PPGMC/UFPB, e-mail: fe_pereira@id.uff.br

ser tratados como escravos], a capoeira, a umbanda e o candomblé como parte dessa resistência”, coloca.

Ainda que o teor da denúncia não tenha sido divulgado, a professora acredita que ela tenha sido motivada por intolerância religiosa, ao que complementa. “A escola pública é laica, todos os alunos de todas as religiões cabem dentro dela”. A professora também comenta que 70% dos alunos que seguem as religiões de matriz africana evadem das escolas por preconceito. “O racismo é crime e nós professores temos que ensinar no cotidiano como foi a escravidão, mostrar a resistência do povo negro e a sua história”.

No trecho da matéria³ destacada observamos como o racismo ainda se relaciona com a estrutura da vida cotidiana (HELLER,2016 [1985]). Decorridos mais de 15 anos da criação da lei nº 10.639/2003, fatos como o ocorrido com a professora Sabrina confirma que ainda podemos encontrar resistência diante a aplicação desta lei no ambiente escolar, mesmo a população brasileira sendo composta por mais de 54% de pessoas negras/pardas, conforme apresentado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE,2016).

Durante o Mestrado em Relações Étnico-Raciais que cursei no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), pude conhecer as discussões que envolvem a construção do conhecimento sob a óptica das relações étnico-raciais. Foi então, que percebi o quanto a educação que recebi ao longo da minha vida me ensinou a reforçar estereótipos preconceituosos e racistas.

Enquanto professora de Artes Visuais, pesquisadora e mulher de pele branca reconheço que ao abordarmos questões sobre o racismo precisamos também discorrer sobre os privilégios relacionados à branquitude.

A branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. Portanto, para se entender a branquitude é importante entender de que forma se constroem as estruturas de poder fundamentais, concretas e subjetivas em que as desigualdades raciais se ancoram. (SCHUCMAN, 2014, p.84)

³ Quinze anos depois, Lei 10.639 ainda esbarra em desconhecimento e resistência. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/educacao/quinze-anos-depois-lei-10-639-ainda-esbarra-em-desconhecimento-e-resistencia/> .Acesso 12. Jun. 22.

A ausência de ações que incentivem a aplicação da Educação para Relações Étnico-raciais realça a necessidade socialmente construída da preservação dos privilégios direcionados a população branca.

O fato de o preconceito racial recair sobre a população não branca está diretamente relacionado ao fato de os privilégios raciais estarem associados aos brancos. O branco não é apenas favorecido nessa estrutura racializada, mas é também produtor ativo dessa estrutura, por meio dos mecanismos mais diretos de discriminação e da produção de um discurso que propaga a democracia racial e o branqueamento. (SCHUCMAN, 2020, p.26)

Aprendi na escola que o Brasil foi habitado por diferentes povos, recebi um discurso pedagógico envolvido pelo mito da democracia racial que “exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos”, como elucida Munanga(2008, p.77). Podemos afirmar que o fenótipo é um dos elementos que fortalecem a preservação do racismo no Brasil, ou seja, quanto mais clara é a cor da sua pele, menores são as chances de sofrer com alguma ação racista no seu cotidiano contribuindo para refletirmos sobre o mito da democracia racial existente no Brasil. Embora a Lei n.º 10.639/2003 seja um marco histórico para a Educação das Relações Étnico-Raciais, a sua aplicação no cotidiano escolar ainda esbarra no preconceito existente nas relações cotidianas.

Na figura 1 podemos visualizar o diálogo exibido entre o personagem Armandinho e seu amigo, um menino negro, que explica a Armandinho que muitas vezes o racismo utiliza diferentes disfarces para aparecer nas relações cotidianas, como uma piada por exemplo.

Figura 1: Tira História em Quadrinho Armandinho



Fonte: Página do Facebook – Armandinho. Disponível em <https://m.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/1994307180614578/>. Acesso em 18.mai. 22

O texto apresentado na figura 1 contribui neste artigo para refletirmos sobre quais marcações sociais que a cotidianidade preserva e que atravessam gerações contribuindo

para construir nossas percepções sobre como classificamos a população negra e produzimos sentidos sobre as relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira e africanas.

Na nossa história aprendemos a preservar alguns contratos já estipulados pela cotidianidade. Esta, refere-se às formas como configuramos o nosso modo de produção, ou seja, a cotidianidade pode ser compreendida como a forma que recebemos e percebemos as relações produzidas no cotidiano e como utilizaremos essas experiências em nossa vida.

O homem nasce inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade. (HELLER, 2016[1985], p. 37)

Compreendendo que o Cotidiano é “O que” vivemos na sociedade, enquanto a Cotidianidade é o “como” vivemos, este artigo identifica que o indivíduo para se relacionar com o conhecimento oriundo do cotidiano precisa mobilizar todas suas potencialidades para operacionalizar a sua vida com a realidade apresentada na cotidianidade. Quando esse conhecimento envolver temas que abordam a presença do racismo no cotidiano, podemos reconhecer que o incentivo ao uso crítico das mídias na Educação pode contribuir para repensarmos as relações produzidas no cotidiano e na sociedade que ainda preservam percepções sociais pautadas no preconceito e discriminação com o Racismo.

Ressalto que o Movimento Negro através de inúmeras ações de conscientização sobre as sequelas do racismo no Brasil destaca a importância de pensarmos estratégias que valorizem e apoiem o respeito à diversidade e garanta a educação para todo cidadão independente de raça, gênero ou religião.

O projeto educativo emancipatório do Movimento Negro, do ponto de vista institucional, tem como foco a educação básica e o Ensino Superior. Porém, ele não se reduz a educação formal. Ele visa a educação como processo de formação humana, vivido por todos nós. Visa, ainda, promover um processo social, cultural, pedagógico e político de reeducação do negro e da negra sobre si mesmos e sobre o seu lugar de direito na sociedade brasileira. E educa os outros segmentos étnico-raciais e sociais na sua relação com o segmento negro da população, suas lutas por direitos e suas conquistas. (GOMES, 2017, p.130)

A formação humana é constante e relaciona-se com as nossas vivências cotidianas. Assim sendo, este artigo também identifica no potencial de mediação criado pela mídia a chance de unir diferentes indivíduos para refletir sobre como o racismo ainda está presente nas relações cotidianas, podendo influenciar o nosso processo de produção de sentidos e acessar ambientes de produção de conhecimento, como a escola. Como Sodré (2012, p.19) destaca “a crítica é um modo de ler a realidade, mais precisamente, de aprender a ler a realidade, sem o qual se afigura inócua toda educação, visto que a leitura é capaz de mostrar o real para além de toda realidade, ou seja, para a pletora de outras possibilidades.”

Ao observamos que decorridos mais de quinze anos da criação da Lei n.º 10.639/2003 e de suas Diretrizes Curriculares, a sua aplicação nas práticas educativas ainda não é uma realidade para muitos professores, dificultando a construção de projeto político pedagógico pautado nas especificidades que a educação das relações étnico-raciais apresenta. Este artigo considera que discorrer sobre o racismo no cotidiano escolar é um tema de relevância social pela oportunidade identificarmos espaços para que incentivem a construção de um conhecimento dialógico sobre como as relações étnico-raciais são percebidas nos espaços midiáticos e como ocorre suas interações na escola.

Em todos os ramos do conhecimento, a cadeia de transmissão é fundamental. Se não há transmissão regular, o que se comunica é apenas conversa e não conhecimento. Quando emitido dentro dessa cadeia, o conhecimento torna-se uma força operante e sacramental. (LOPES; SIMAS, 2020, p.40)

O fortalecimento da Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africanas poderá ocorrer no ambiente escolar ao reconhecer o papel da mídia como elemento que une diferentes sujeitos e meios de comunicação, e que podem contribuir para produção de reflexões e ações que incentivem a discussão sobre uma educação para relações étnico-raciais no cotidiano escolar. O uso crítico das mídias na educação para relações étnico-raciais possibilita identificar diferentes formas de preservação de estereótipos racistas e incentivar a produção de obras que ressignifiquem o imaginário popular sobre questões relacionadas a discussão sobre racismo na sociedade. Este artigo reconhece que a mídia se apresenta como um importante espaço para reflexão sobre como construímos caminhos para o fortalecimento de uma educação antirracista e aplicação da Lei nº 10.639/2003.

As Histórias em Quadrinhos no cotidiano escolar

Ao concluir o mestrado em Relações Étnico-Raciais, quando pesquisei a história da representação dos super-heróis negros e super-heroínas negras das Histórias em Quadrinhos, pude perceber que a existência destes personagens constituía uma forma de expressão que vai além do entretenimento, mas contribuía para refletirmos sobre como são construídas e transmitidas as narrativas da população negra através da mídia. As representações midiáticas contam histórias que são fruto da imaginação de escritores, mas que também representam diferentes culturas e povos.

Neste artigo destaco que as relações cotidianas reproduzidas e representadas nas Histórias em Quadrinhos contribuem para reconhecer o papel das HQs como meio de comunicação e que podem aproximar professores e estudantes para o debate sobre as relações étnico-raciais e sua aplicação no cotidiano escolar. O Dicionário da Comunicação apresenta a seguinte definição para História em Quadrinhos,

O termo “história em quadrinhos” designa um meio de arte ou de comunicação, quase sempre narrativo, que justapõe quadros em sequência dentro de uma página (ou tira), utilizando-se de registros escritos (não necessariamente) e visuais (ilustrados). Essa fusão entre diferentes processamentos cognitivos gera possibilidades comunicativas e estéticas que são exclusivas dos quadrinhos, graças às diversas maneiras propiciadas pelo meio em revelar o tempo e o espaço narrativos. (FILHO, 2014, p.315)

Saliento que o formato sequencial das Histórias em Quadrinhos além de apresentar diferentes narrativas podem gerar inúmeras possibilidades comunicativas e estéticas (FILHO, 2014) que contribuirão para professores e estudantes refletirem sobre as diferentes relações sociais produzidas no cotidiano escolar.

O potencial narrativo das Histórias em Quadrinhos enquanto meio de comunicação de massa realça a sua função social quando nos permite observar através das suas tiras os diferentes desafios que o mundo apresenta. O cotidiano, assim como as HQs, também pode ser organizado de forma hierárquica e sequencial, ou seja, não precisamos lidar com todos os problemas do cotidiano ao mesmo tempo. Eisner (2010, p.2) destaca que “a leitura da história em quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual”, portanto recorro a diversidade produzida pelas HQs para promover na escola a construção de conhecimento sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais e ensino da Cultura Africana e Afro-brasileira. Logo, ao acessar a sala de aula, as Histórias

em Quadrinhos é uma mídia que interagem com diferentes pessoas e ambientes, seja através das revistas impressas e/ou digitais, das tiras publicadas em jornais e revistas ou nos desenhos animados.

As Histórias em Quadrinhos além de fornecer entretenimento e informação, aplicada no cotidiano escolar podem contribuir para produção de reflexão sobre as formas como as sociedades se organizam e se comunicam em diferentes épocas. O espaço e tempo do cotidiano representado em determinada mídia, como as HQs, por exemplo, proporciona ao estudante a possibilidade de perceber que existem diferentes cotidianos, cada qual fruto do seu tempo.

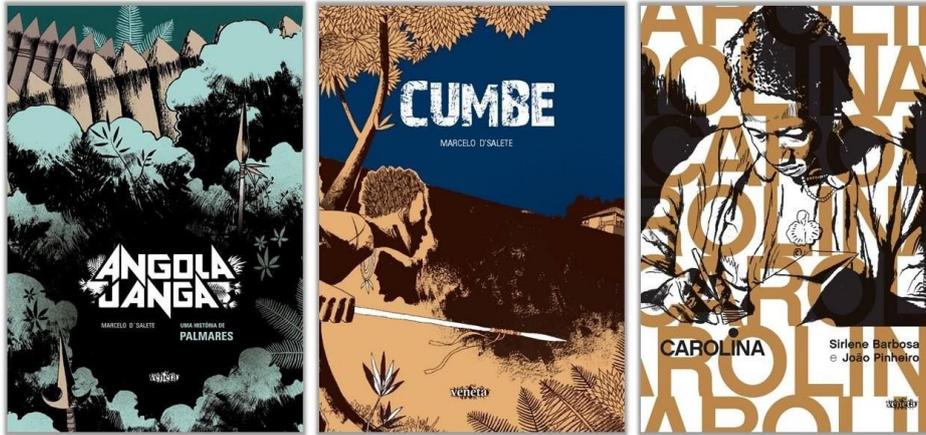
Lefebvre(1991, p.07) destaca que “o cotidiano entra em cena revestido pelo épico, por máscaras, por vestimentas e por cenários. É exatamente a vida universal e o espírito do tempo que se apoderam dele porque se investem nele, conferindo-lhe uma amplitude teatral.” Sendo assim, as Histórias em Quadrinhos enquanto mídia também contribui para observarmos que o cotidiano apresenta diferentes formas de representações que fornecem significados que marcam a nossa história.

As Histórias em Quadrinhos podem acessar o cotidiano escolar através dos professores, dos estudantes, da equipe pedagógica ou de forma governamental. Tratando-se de utilizar o potencial narrativo das HQs a favor do fortalecimento das relações-étnico-raciais, utilizo como exemplo três Histórias em Quadrinhos que foram distribuídas às escolas em 2018 através do Programa Nacional do Livro Didático/ PNL D literário.

As obras destacadas neste artigo são exemplos de Histórias em Quadrinhos que podem contribuir para o desenvolvimento de pesquisas e reflexões sobre questões referentes ao racismo no cotidiano, pois apresentam narrativas sobre a população negras em diferentes contextos histórico e social. Kilomba (2019, p. 78) ressalta que “o racismo cotidiano não é um ‘ataque único’ ou um ‘evento discreto’, mas sim uma ‘constelação de experiências de vida’”, portanto reconheço nesse artigo a importância das Histórias em Quadrinhos na formação de jovens leitores e como produtora de experiências que desenvolvam o olhar crítico sobre as discussões que permeiam a educação para relações étnico-raciais no cotidiano escolar.

As obras que destaco neste artigo são as Graphic Novel⁴ : Cumbe, Angola Janga e Carolina todas publicadas pela Editora Veneta.

Figura 2: Composição com as capas das HQs Angola Janga, Cumbe e Carolina



Fonte: Site Editora Veneta. Disponível em <https://veneta.com.br/>. Acesso em 20.jun. 22

Cumbe e Angola Janga são obras do quadrinista Marcelo D'Salete. Enquanto Carolina, é uma obra de João Pinheiro e Sirlene Barbosa. No site da Editora Veneta podemos conhecer algumas informações sobre as respectivas obras como: Cumbe ganhou o Prêmio Eisner, teve duas indicações ao prêmio Rudolph Dirks na Alemanha, três indicação ao Prêmio HQ Mix no Brasil. Configura-se como uma História em Quadrinhos, brasileira e publicada em vários países como os Estados Unidos, França, Itália, Alemanha, Portugal, Espanha, Polônia e Turquia.

Angola Janga foi traduzida em vários idiomas como inglês, francês, italiano, turco, alemão e espanhol. Ganhou o Prêmio Jabuti em 2018 na categoria “Melhor história em quadrinhos”, o Prêmio Grampo de Ouro, “Melhor história em quadrinho do ano”; Prêmio HQ Mix, “Melhor edição especial”, “Melhor Desenhista Nacional”, “Melhor Roteirista Nacional” e “Destaque Internacional”.

⁴ Foi no fim da década de 1970 que surgiram obras que se apresentavam explicitamente como Graphic Novels. Estas causaram um efetivo impacto editorial, destacando-se a publicação em 1978 de A Contract with God, de Will Eisner. Posteriormente, 1986 foi marcado pelo lançamento de Batman: o Cavaleiro das Trevas, de Frank Miller e Maus, de Arnoul Spielgeman. Esses produtos quadrinhísticos se tornaram sucessos de venda e representaram uma verdadeira ruptura com o que tinha sido feito antes, por serem mais ousados do que as HQs anteriores do ponto de vista discursivo e estético, devido à forma adulta com que trataram temas humanos e sociais. Como consequência, as produções – em formato de um livro em quadrinhos– passaram a contar com mais sofisticação, fato que possibilitou às editoras vender esse material com preço mais elevado. Foi nesse contexto que a designação romance gráfica foi construída como uma marca segmentada, distinguindo-se, assim, das HQs mais tradicionais. (ALMEIDA, et al. , 2019, p. 408)

Na Graphic Novel Carolina encontramos a história da autora Carolina Maria de Jesus, que escreveu diversos livros como Quarto de Despejo, que ficou no topo da lista de mais vendidos sendo publicado em mais 13 países nos anos 1960. Esta História em Quadrinhos narra o cotidiano de Carolina Maria de Jesus na favela do Canindé, onde morava na época. As páginas apresentam desde a vida pobre de Carolina em Minas Gerais, até sua vida em São Paulo, quando conheceu a fama após a publicação de seus livros, assim como os momentos de decepções até o esquecimento social que a autora vivenciou.

No catálogo do PNLD Literário as Histórias em Quadrinhos são classificadas como livros de imagens/Histórias em Quadrinhos. Essa classificação contribui neste artigo para refletirmos sobre o papel das imagens como um elemento mediador de diálogos no cotidiano escolar.

Quanto mais a imagem é utilizada para a definição de conceitos, mais influenciará na aprendizagem e na construção de concepções, contribuindo para a retenção de muitas ideologias. A imagem pode atuar, no plano ideológico, como força auxiliar dos textos. Mas também pode produzir isoladamente efeitos ideológicos. (OLIVEIRA, 2140, p. 69)

Destaco que os livros de imagem/Histórias em Quadrinhos mencionados configuram-se como Graphic Novels, que se trata de uma categoria de História em Quadrinhos, mas apresenta um formato similar a um livro. As Graphic Novels apresentam histórias ficcionais, não ficcionais, antologias e romances através de quadros sequencialmente organizados intercalando imagens e textos em diferentes estilos de formatação.

O crescimento e a aceitação cada vez maiores da Graphic Novels podem ser atribuídos à opção dos criadores por temas abrangentes e relevantes e à constante inovação em sua abordagem. (EISNER, 2010, p.149).

As Graphic Novels ao ocupar o espaço destinado ao livro na escola podem proporcionar momentos importantes no processo de ensino-aprendizagem, oferecendo a possibilidade de produção de diálogos entre estudantes, professores e a comunidade escolar.

As Histórias em Quadrinhos ao acessar o cotidiano escolar, também podem contribuir para provocar uma reflexão sobre a relação entre a mídia e os diferentes meios

de comunicação diante temas que permeiam a educação para relações étnico-raciais, ensino da cultura africana e afro-brasileira.

Livros de imagem valorizam nossas percepções de significantes visuais, ou seja, colocam em destaque a importância de elementos que estruturam maneiras de ilustrar histórias. Sejam cores, diagramações, formas, claros e escuros, planos cheios ou vazios, valorização de primeiro plano de cena ou de fundo etc., o fato é que um conjunto de apreciações nos ativa a reconhecer o papel da linguagem visual enquanto meio de expressar códigos e mensagens vinculadas ao que é visto. Por isso, livros de imagem são também um campo fértil para o trabalho com zonas de atratividade enfática e sutilezas. Porque o olho humano naturalmente está apto a desenvolver varreduras para suas leituras. Assim, tanto pontos de referência e de fixação quanto entornos criam, na leitura, efeitos visuais de atenção, de associação e de disposição interpretativa, o que se relaciona também a entendimentos de legibilidade. (PAIVA, 2014, p. 52)

Este artigo reconhece a importância da análise atenta sobre quais mídia/livros estão chegando ao cotidiano escolar e como esses recursos midiáticos podem contribuir no desenvolvimento da percepção crítica sobre o racismo no cotidiano escolar.

O livro continua sendo a chave, pois nos abre para a primeira alfabetização, essa que deveria possibilitar o acesso não só à cultura letrada, mas também às múltiplas escritas que hoje conformam o mundo da informática e o audiovisual. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 57)

Enquanto uma mídia/livro a História em Quadrinhos apresenta-se com um recurso que poderá mediar e enriquecer as discussões sobre o uso crítico da mídia na educação para relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

A mídia no cotidiano escolar pode impulsionar a produção de diálogos sobre a diversidade cultural produzida pelas relações étnico-raciais, assim como oferecer elementos que integrem as áreas da comunicação e da educação para fomentar a discussão sobre o racismo no cotidiano. Nesse sentido, a leitura crítica das imagens exibidas nas Histórias em Quadrinhos apresenta-se como uma oportunidade para construir espaços produção e mediação de diálogos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O incentivo das discussões sobre temas relacionados à Educação das Relações Étnico-raciais no cotidiano escolar através da análise crítica da mídia pode proporcionar reflexões sobre como lidamos no nosso cotidiano com as heranças da colonização no Brasil e seus reflexos na sociedade. O fortalecimento da aplicação da Lei nº 10.639/2003

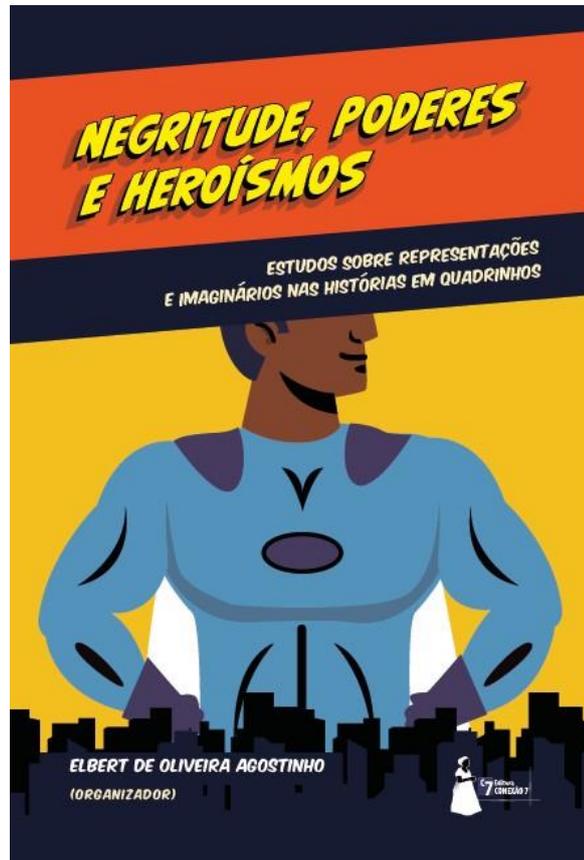
poderá utiliza-se de ações formativas que utilizem das Histórias em Quadrinhos como ponto de partida para abordar temas como o racismo no cotidiano e na sociedade. Sendo assim, as Histórias em Quadrinhos configuram-se como um recurso midiático que pode contribuir para construir um percurso metodológico/pedagógico que reconheça a relação produzida entre cotidiano, mídia e educação das Relações Étnico-Raciais no cotidiano escolar.

A verdade da escravização dos negros vai muito mais além; podemos encontrá-la através da análise dos grupos econômicos e dos agentes institucionais (traficantes de escravos, comerciantes de exportação e importação, monarcas de potências colonialistas) envolvidos no tráfico de escravos e de produtos tropicais. As versões ideológicas se difundem, através dos manuais escolares e das obras para grande público, a fim de transmitir à população desde a tenra idade os falsos motivos para escravização do homem negro. (OLIVEIRA, 2014, p. 63)

A aplicação da Lei nº 10.639/2003 também realça o debate sobre quais são os espaços destinados à reflexão sobre da Educação Relações Étnico-Raciais no cotidiano escolar e como agimos diante o silenciamento do tema no planejamento didático.

Destaco que em 2019 tive a oportunidade de levar a minha paixão pelas Histórias em Quadrinhos para o mundo acadêmico. Juntamente com o professor e pesquisador Elbert Agostinho fundamos o núcleo de estudo denominado Observatório Carioca de Histórias em Quadrinhos. Movidos pela inquietude de apresentar o potencial das Histórias em Quadrinhos como instrumento de pesquisa que potencializa a forma como observamos o mundo que vivemos.

Figura 3: Capa do livro Negritude, Poderes e Heroísmos



Fonte: Editora Conexão 7. Disponível em <
<https://editoraconexao7.minhalojanouol.com.br/negritude-poderes-e-heroismos/>. Acesso em 25.jun. 22

No ano seguinte, em 2020, lançamos o Livro: Negritude, Poderes e Heroísmos: Estudos sobre representações e imaginários nas Histórias em Quadrinhos. Organizado pelo professor Elbert Agostinho o livro apresenta 10(dez) artigos de professores/pesquisadores acadêmicos e membros do Observatório Carioca de História em Quadrinhos. Os textos apresentam um olhar crítico sobre a representação de super-heróis negros e super-heroínas negras das histórias em quadrinhos que permeiam o imaginário de jovens e adultos. Os capítulos do livro apresentam as seguintes discussões/reflexões sobre a representação de personagens negros e negras no universo das Histórias em Quadrinhos,

- DE SUPER-HEROÍNAS A DEIDADES AFRODIASPÓRICAS - ALEKSANDRA STAMBOWISKY DE CARVALHO;
- O CAPITÃO AMÉRICA NEGRO: UM OLHAR SOBRE EUGENIA E RACISMO NOS QUADRINHOS E NA SOCIEDADE AMERICANA - ARTHUR GIBSON PEREIRA PINTO;

- O SUPER-HERÓI BLACK LIGHTING: DISCURSO, REPRESENTAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA - BRUNO PEREIRA SILVA E FABIO SAMPAIO DE ALMEIDA;
- BLADE – O CAÇADOR DE VAMPIROS: OLHARES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES MASCULINAS DE SUPER-HERÓIS NEGROS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS - DIEGO DAS NEVES RIBEIRO E GUILHERME DA SILVA PEREIRA;
- NÃO É UM PÁSSARO, NEM UM AVIÃO! É O JEREMIAS, DA TURMA DA MÔNICA: UM INQUÉRITO SOBRE “PODERES” DA REPRESENTAÇÃO NEGRA, EM MAURÍCIO DE SOUSA - ELBERT AGOSTINHO;
- SUPER-HERÓIS NEGROS E NEGRAS E OS ESTUDOS SOBRE CULTURA VISUAL PARA O FORTALECIMENTO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS- FERNANDA PEREIRA DA SILVA;
- PANTERA NEGRA: RESSIGNIFICANDO O OLHAR SOBRE A ÁFRICA - JORGE LUÍS RODRIGUES DOS SANTOS;
- A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO MANGÁ: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES NOS QUADRINHOS JAPONESES - MICHELE DELBON SILVA;

Além de reforçar o poder da construção de narrativas existentes nas Histórias em Quadrinhos o processo de construção do livro *Negritude, Poderes e Heroísmos*, também trouxe uma reflexão sobre quais espaços são ocupados por pessoas negras e como estas são representadas na mídia. Assim como ocorre a nulidade da Lei nº 10.639/2003 no cotidiano escolar os super-heróis e super-heróis podem representar visualmente um personagem negro, mas que não ocupam um papel significativo de representatividade da população negra, reforçando que as relações produzidas através da mídia podem contribuir para fomentar discursões sobre a educação para relações étnico-raciais em diferentes ambientes.

A experiência extraída no processo de construção do livro reforçou que a aplicação da lei nº 10.639/2003 é um exercício constante de análise crítica da mídia e de como utilizamos os recursos midiáticos para produzir informação que fortaleça a educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na escola e na comunicação.

Diante esse caráter mediador atribuído ao livro/mídia no cotidiano escolar podemos questionar: quais são as memórias que temos quando o assunto é o racismo no cotidiano? Nesse sentido, as Histórias em Quadrinhos podem provocar e estimular a

leitura de diferentes narrativas, exercitar a criatividade e desenvolver o olhar crítico sobre como pensamos a educação das relações étnico-raciais no cotidiano escolar.

Os livros de imagem, se bem observados, têm função narrativa – mostram cenas, ações encadeadas e na configuração do espaço e simulação do tempo criam histórias. As ideias ilustradas expressam sentido, colocam em jogo códigos culturais e compõem uma estética apreciável através das situações ilustradas.

Devemos lembrar que a ausência de texto nos livros de imagem pode, inclusive, fomentar a criatividade, a espontaneidade, o simbolismo, o improviso e a capacidade de complementação leitora pela apreciação dos sentidos – visíveis e possíveis. (PAIVA, 2014, p.49)

Considerando a afirmativa de Kilomba (2017, p.71) que diz, “o racismo é uma realidade violenta”, posso confirmar, enquanto mestra em relações étnico-raciais, que toda pesquisa sobre raça e racismo se apresenta como um desafio que pode provocar transformações na forma como enxergamos a sociedade. Portanto, a leitura das imagens exibidas no nosso cotidiano escolar também pode contribuir para desenvolvermos uma visão crítica da formação cultural brasileira e o papel da mídia nos processos de produção de sentido através da relação imagem e palavra.

Gomes (2017,p. 3) ressalta “[...] tanto os processos de significação como os sócios culturais possuem a mídia como chave hermenêutica de sua compreensão e discussão”, nesse sentido o exercício da análise crítica dos processos políticos, históricos e sociais construídos no Brasil, possibilita o fortalecimento dos movimentos de resistência da população negra. Enquanto um meio de comunicação as Histórias em Quadrinhos poderão impulsionar ações que provoquem uma leitura crítica das imagens exibidas na mídia, fortalecendo a produção de discussões sobre as relações étnico-raciais na educação e na comunicação, apresentando diferentes meios para garantir a aplicabilidade da Lei 10.639/2003 no cotidiano escolar .

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fabio Sampaio de; Castro, Alexandre de Carvalho; Giorgi, Maria Cristina; Silva, Luciana de Mesquita Silva; **De Cumbe a Run for It: tradução e questões étnico-raciais**. Revista Mutatis, Mutandis, 2019. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/335805170_De_Cumbe_a_Run_for_It_traducao_e_qu_estoes_etnico-raciais. Acesso em 10 jun. 22

BRASIL. **Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%20C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no.%22%2C%20e%20d%20C%20A%20outras%20provid%20C%20A%20Ancias. > Acesso em: 20 de mai.22.

- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília. MEC/SEPP/IR,2004. Disponível em: < <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf> > Acesso em: 20 de mai.22
- EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial.** Editora Martins Fontes, 4º Ed.(2010).
- FILHO, Ciro Marcondes. **Dicionário da comunicação.** Paulus Editora. Edição do Kindle, 2014.
- GOMES, Nelma Lino. **O movimento negro educador.** Saberes construídos nas lutas por emancipação. Editora Vozes, 2017
- GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização: um conceito em evolução.** São Leopoldo, Unisinos, 2017.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. KILOMBA, Grada. **Memória da plantação: Episódios de racismo cotidiano.** Tradução Jess Oliveira. -1. ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memória da plantação: Episódios de racismo cotidiano.** Tradução Jess Oliveira. -1. ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno.** Tradução Alcides João de Barros. Editora Ática – 1991.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio. **Filosofias africanas: Uma introdução.** Civilização Brasileira. Edição do Kindle.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Desafios culturais da comunicação à educação.** Comunicação & Educação, [S. l.], n. 18, p. 51-61, 2000. DOI: 10.11606/issn.2316- 9125.v0i18p51-61. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920> . Acesso em: 19 jun. 2022.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Editora Autêntica, 2004.
- OLIVEIRA, Juliana Barreto Faria de. **Ideologias nos livros didáticos: reflexões metodológicas.** Cadernos de Educação, v.13, n. 26, p. 57-72, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/cadernosdeeducacao/article/view/5069/4272>
- PAIVA, A. P. **Livros de imagem: como aproveitar a atratividade e desenvolver o potencial destas obras na sala de aula com atividades literárias.** In: Literatura fora da caixa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014. v. 3, p. 43-58 Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15609-guia-ei-leituraforadacaixa-pdf&category_slug=maio-2014-pdf&Itemid=30192
- SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo.** Editora Veneta, 1º ed., 2020.
- _____. **Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana.** Revista Psicologia & Sociedade, 26(1). Páginas 83-94, 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/psoc/a/ZFbbkSv735mbMC5HHCsG3sF/?lang=pt> .Acesso em 15 jan. 2022.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Educação: diversidade, descolonização e rede.** Ed. Vozes. 2012.